



O GRIFO

ERA uma vez um rei muito poderoso; em que parte do mundo êle reinava e como se chamava, já não sei mais.

Êsse rei não tinha filhos homens, só tinha uma filha que vivia doente e médico nenhum conseguia curá-la. Um dia, alguém predisse que a princesa só se curaria se comesse uma maçã. Então o rei fêz anunciar por todo o reino que, aquêle que trouxesse à princesa a maçã, que a devia curar, casaria com ela e mais tarde seria rei dêsse país.

A notícia chegou até uma aldeiazinha onde vivia um pobre camponês que tinha três filhos. Chamando o filho mais velho, disse-lhe:

— Pega uma cêsta e vai ao pomar colhêr, na macieira maior, aquelas maçãs vermelhinhas e perfumadas e le-





va-as ao castelo. Talvez a princesa coma a que lhe deve restituir a saúde e assim casarás com ela.

O rapaz fez o que dizia o pai; em seguida, meteu-se pela estrada a fora rumo à cidade. Tendo andado bom trecho, encontrou um anãozinho que lhe perguntou o que levava no cêsto. O rapaz, que se chamava Elias, respondeu:

— Levo patas de rãs.

— Muito bem, — respondeu o anão; — assim é e assim ficará sendo. — E foi-se embora.

Elias continuou o caminho e, por fim, chegou ao castelo, fazendo anunciar que trazia maçãs que curariam a princesa se as comesse. O rei ficou contentíssimo e fêz entrar o rapaz. Mas, oh! quando Elias abriu o cêsto, ao invés de maçãs só se viu um montão de patas de rãs, que ainda esperneavam. O rei ficou furioso e mandou que os criados o enxotassem quanto antes do castelo. Chegando em casa, Elias contou ao pai o que se passara. Então o velho disse ao segundo filho, que se chamava Simão:

— Colhe tu um cêsto de maçãs e vê se tens mais sorte que teu irmão.

Simão obedeceu, e, quando ia pela estrada, encontrou-se, também, com o anãozinho, que lhe perguntou o que levava no cêsto. Em tom de mofa, Simão respondeu:

— Levo cerdas de porco.

O anão disse-lhe:

— Muito bem; assim é e assim ficará sendo.

Quando Simão chegou ao castelo e se apresentou, a sentinela não queria deixá-lo entrar, dizendo que já haviam sido enganados por um outro. Mas Simão insistiu, afirmando que trazia as melhores maçãs, que certa-





mente curariam a princesa. Por fim, levaram-no à presença do rei. Mas, quando abriu o cêsto, viu-se dentro dêle um punhado de cerdas de porco. O rei enfureceu-se de tal forma que mandou expulsar o rapaz a chicotadas.

Chegando em casa, Simão contou a triste aventura ao pai. Então veio o mais môço dos filhos, que se chamava Joãozinho, e que todos tratavam com pouco caso por o acharem um tanto pateta, e pediu ao pai para levar ao castelo o cêsto de maçãs.

— Sim! — disse o pai com certo desprezo; — és realmente muito indicado! Se teus irmãos, que são mais esertos não o conseguiram, como é que um parvo como tu o conseguirá?

Mas Joãozinho não parava de insistir.

— Deixa-me ir, pai. Deixa-me ir!

— Santo Deus, cala-te, pateta! — respondeu o pai amolado; — devias procurar tornar-te um pouco mais esperto! — e com isso deu-lhe as costas.

Joãozinho não se conformava e, puxando-o pelo palletó, tornou a pedir:

— Eu quero ir! Deixa-me ir, pai.

— Pois bem, vai em santa paz; havemos de nos ver à tua volta! — respondeu com impaciência o pai.

O rapaz dava pulos de alegria e não cabia em si de satisfação.

— Bem, não te ponhas doido, agora! Cada dia ficas mais estúpido! — explodiu o pai, muito irritado.

Mas Joãozinho não se importou com isso e, também, não perdeu a alegria. Entretanto, como já estivesse anoitecendo, resolveu esperar até à manhã seguinte, pois, de qualquer maneira, não chegaria nesse dia ao castelo, e

ENCONTROU-SE, TAMBÉM, COM O
ANÃO VELHINHO, QUE LHE PER-
GUNTOU O QUE LEVAVA NO CÊSTO.



foi-se deitar. Mas, na cama, não podia adormecer; virava-se de um lado e de outro. Quando, por fim, conseguiu pegar no sono, sonhou com lindas donzelas, com castelos magníficos, com pilhas de ouro e prata e outras coisas belas.

Logo, ao romper do dia, foi colhêr as maçãs e pôs-se a caminho. Encontrou-se, também, com o anão velhinho, que lhe perguntou o que levava no cêsto. Joãozinho respondeu que levava maçãs para curar a princesa.

— Muito bem, — respondeu o anão; — assim é, e assim ficará sendo.

Ao chegar ao castelo, porém, as sentinelas não queriam de modo algum deixá-lo passar, porque já tinham vindo outros alegando que traziam maçãs, e um trazia patas de rãs, enquanto o outro apresentou cerdas de porco. Mas Joãozinho não se deu por vencido. Jurou, afirmou que não trazia nada dessas coisas e sim lindas maçãs, as mais belas que existiam em todo o reino. Falou com tanto desembaraço e franqueza, que a sentinela se convenceu de que não estava mentindo e o deixou entrar.

E não se arrependeu, pois, quando Joãozinho retirou a tampa do cêsto, na presença do rei, viram surgir belíssimas maçãs douradas e que espalhavam perfume delicioso. O rei alegrou-se muito vendo-as e mandou logo levá-las à filha. Depois ficou esperando ansioso pelo efeito produzido. Não demorou muito, chegou a resposta. E sabes quem a trouxe? Foi a própria princesa.

Assim que provara uma dessas maravilhosas maçãs, sentiu-se restabelecer de imediato e, muito contente, saltou da cama, sã e vigorosa.

Impossível descrever a felicidade do rei.

Agora, porém, que via a filha curada, não mais que-



ria dá-la ao pobre campônio. Não sabendo como livrar-se dêle, disse-lhe que, antes de receber a princesa por esposa, teria de fazer um barco que andasse tão bem por terra como por mar.

O pobre Joãozinho aceitou a condição, com certa tristeza. Voltou para casa e contou ao pai tudo o que se passara. O pai resolveu, então, mandar Elias à floresta para escolher a madeira e fazer o barco.

Elias estava lá trabalhando com afinco e assobiando uma canção, quando, ao meio-dia, no momento em que o sol estava a pique, aproximou-se dêle o anãozinho e perguntou o que estava fazendo. Elias, mal educado como sempre, respondeu:

— Cavacos.

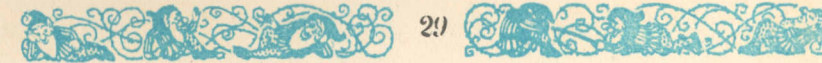
— Bem, — disse o anão; — assim seja e assim fique sendo.

No fim do dia, certo de haver construído o barco, quis subir nêle, então viu com espanto que só tinha cavacos aí.

No dia seguinte, Simão foi à floresta com a mesma incumbência, mas aconteceu-lhe tudo exatamente como ao irmão. No terceiro, chegou a vez do Joãozinho. Chegando à floresta, pôs-se a trabalhar com tamanho afinco que as marteladas se ouviam longe; cantando e assobiando alegremente, ia construindo o barco. Ao meio-dia, quando o sol estava bem a prumo no céu, apareceu o anão perguntando o que estava fazendo.

— Tenho de fazer um barco que tanto ande por terra como por mar, — respondeu êle. — Se o conseguir, eu me casarei com a filha do rei.

— Bem, — disse o anão; — assim é e assim ficará sendo.





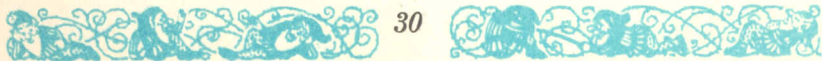
No fim do dia, Joãozinho terminara o barco com os pertences correspondentes; meteu-se dentro d'ele e pôs-se a remar para a cidade. E o barco deslizava tão velozmente como se impellido pelo vento na água. O rei viu-o de longe chegar com o barco, mas continuou a relutar em dar-lhe a filha e, como pretexto, disse-lhe que devia submeter-se a outra prova.

— Deves pastorear durante um dia as cem lebres brancas que ela possui. Se faltar uma só esta noite à chamada, — disse o rei, — perdes o direito à mão de minha filha.

E lá se foi o pobre Joãozinho, no dia seguinte, levar as cem lebres ao pasto, vigiando bem para que não lhe escapasse nem uma. Pouco depois veio uma das cozinheiras do castelo e pediu para levar uma das lebres, pois, tendo recebido visitas, queriam que a preparassem para o jantar. Joãozinho compreendeu muito bem que isso não passava de um ardil e recusou entregar a lebre; o rei podia, se quisesse, oferecer a lebre no dia seguinte às suas visitas. Mas a criada continuava a insistir e, por fim, acabaram brigando; na sua exaltação, Joãozinho disse que só entregaria a lebre se a princesa em pessoa viesse buscá-la. A criada foi e contou à princesa. Nesse interim, apareceu o anão e perguntou a Joãozinho o que estava fazendo aí.

— Ah, — respondeu êle, — tenho de guardar as cem lebres da princesa e não deixar escapar nem uma; só assim poderei casar com a filha do rei e herdar o trono.

— Pois bem, — disse o anão, — eis aqui um apito; se alguma delas fugir, só tens de apitar e ela voltará imediatamente.



Pouco depois, chegou a princesa e Joãozinho pôs-lhe uma lebre no avental de renda. Mas não havia andado cem passos ainda, e Joãozinho tocou o apito e a lebre pulou do avental e, com alguns saltos, foi juntar-se às companheiras. Ao anoitecer, Joãozinho tornou a apitar, reuniu tôdas elas e conduziu-as ao castelo.

O rei ficou muito admirado ao ver que o rapaz conseguira guardar as cem lebres sem deixar escapar nem uma; ainda assim, porém, não queria dar-lhe a filha. Então, propôs-lhe como última condição, uma coisa que julgava humanamente impossível de se obter. Queria que lhe trouxesse uma pena do rabo do grifo.

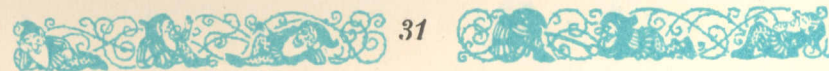
Joãozinho logo se pôs a caminho, seguindo sempre para a frente com desassombro. Pela tardinha, chegou a um castelo e pediu hospitalidade para aquela noite, pois nesse tempo ainda não existiam hospedarias nem albergues. O proprietário do castelo recebeu-o com muito agrado e perguntou para onde ia.

— Vou em busca do grifo, — respondeu o rapaz.

— Ah, vais procurar o grifo! Dizem que êsse animal sabe tudo quanto se passa no mundo; queres fazer o favor de perguntar-lhe onde se poderá encontrar a única chave que abre a caixa-forte onde guardamos todo o nosso dinheiro? Há tempo que a perdemos!

— Perguntarei com todo o gosto, — disse Joãozinho.

Retomou o caminho logo pela manhã e, ao anoitecer, chegou a outro castelo e aí também pediu hospitalidade. Quando os castelões souberam que êle ia à procura do grifo, pediram-lhe que perguntasse o que poderia curar-lhes a única filha, que estava doente, e nenhum remédio dava resultado.





João prometeu que o faria de muito boa vontade e de novo se pôs a caminho. Dentro em pouco, chegou à margem de um rio largo e profundo, sôbre o qual não se via ponte alguma. Nisto viu chegar um enorme e musculoso remador com um barco, que tinha o encargo de transportar as pessoas para a outra margem. O homem perguntou-lhe onde ia.

— Vou em busca do Grifo, — disse Joãozinho.

Então o homem pediu-lhe para perguntar ao grifo porque era que tinha sempre e sempre de transportar gente de uma a outra margem, sem nunca descansar.

Joãozinho prometeu fazê-lo. O homem transportou-o para o outro lado e êle continuou o caminho. Depois de andar um bom trecho, chegou, finalmente, à casa do Grifo, que estava ausente no momento, encontrando-se lá apenas sua mulher. Esta perguntou ao rapaz o que desejava. Então Joãozinho contou-lhe tudo; dizendo também que tinha de levar uma pena do rabo do grifo; em seguida contou-lhe as perguntas que o encarregaram de fazer, isto é: onde estava a chave da caixa-forte do castelo, perdida há muito anos; num outro castelo estava doente a filha dos castelões e queriam saber o que a poderia curar e, finalmente, no rio próximo dali, havia um barqueiro que precisava transportar tôdas as pessoas sem nunca descansar, e queria saber o que devia fazer para livrar-se daquilo.

A mulher, então, disse-lhe:

— Meu bom amigo, nenhum cristão pode falar com o Grifo; êle os detesta e devora todos quanto encontra. Como és um bom rapaz, vou ajudar-te. Mete-te debaixo da cama e à noite, quando o Grifo estiver dormindo, es-



tica o braço e arranca-lhe uma pena do rabo; quanto às perguntas, eu as farei e tu ouvirás as respostas.

Joãozinho seguiu os conselhos e escondeu-se debaixo da cama. Pela tardinha, ouviu-se um grande ruído e bater de asas; era o Grifo que voltava e, assim que entrou no quarto, disse:

— Mulher, estou sentindo cheiro de carne humana.

— Tens razão, — disse a mulher, — hoje esteve um rapaz aqui, mas já se foi embora.

O Grifo contentou-se com essa resposta. Mais ou menos à meia-noite, quando êle roncava sonoramente Joãozinho, com muito cuidado, arrancou-lhe uma pena do rabo. O Grifo deu um pulo na cama e gritou:

— Mulher, continuo sentindo cheiro de carne humana e parece-me que alguém me puxou o rabo.

— Ora, ora, — disse a mulher, — com certeza sonhaste; eu te contei que esteve aqui um rapaz mas que logo se foi. Êle contou-me uma porção de coisas! Disse-me que, num castelo distante, perderam a chave da caixa-forte e não conseguem mais encontrá-la!

— Que tontos! — resmungou o Grifo, — A chave está no depósito de lenha, atrás da porta, em baixo de uma pilha.

— Depois contou-me que noutro castelo há uma môça muito doente e ninguém conhece algum remédio capaz de curá-la.

— Que tolos! — respondeu êle. — Debaixo da escada que vai à adega, há um rato que fêz o ninho com os cabelos dela; se conseguir reaver os cabelos, ela ficará curada.





— E, sabes, disse-me ainda que aqui por perto há um rio no qual se encontra um barqueiro que transporta a gente para a outra margem; êle gostaria de saber o que deve fazer para se livrar dêsse trabalho.

— Que estúpido! — disse o Grifo; — se uma vez largasse alguém no meio do rio, nunca mais teria de transportar ninguém.

Pela manhã, o Grifo levantou-se e saiu para os seus afazeres. Então Joãozinho deixou o esconderijo, segurando a pena arrancada do Grifo; além disso ouvira e guardara na memória o diálogo havido entre a mulher e o Grifo; esta repetiu-lhe tudo outra vez para que êle não se esquecesse e, depois de agradecer e se despedir gentilmente da mulher, Joãozinho seguiu de volta para o reino.

Tendo chegado à margem do rio, fêz-se transportar para o outro lado; depois disse ao homem que, quando viesse alguém, o largasse no meio do rio, assim nunca mais teria de transportar ninguém. O homem agradeceu-lhe muito e perguntou-lhe se queria ser transportado ainda uma vez de um lado para outro, mas Joãozinho não aceitou, dizendo que preferia poupar-lhe aquêle trabalho, depois seguiu para diante.

Ao chegar ao castelo onde estava a jovem doente, carregou-a às costas, porque ela não podia andar, e levou-a à adega; descobriu o ninho do rato debaixo da escada e entregou-lho. Pegando os cabelos, ela ficou imediatamente curada e saiu correndo na frente dêle pela escada acima, alegre e feliz como nunca. Os pais, radiantes de felicidade, presentearam Joãozinho com uma grande quantidade de ouro, prata e pedras preciosas, dizendo que levasse tudo quanto quisesse.



Ao chegar no castelo seguinte, o rapaz foi diretamente ao depósito de lenha e, atrás da porta, sob uma grande pilha de lenha, encontrou a chave da caixa-forte, que entregou ao dono. Êste se alegrou imensamente e deu-lhe tanto ouro quanto lhe era possível carregar, além de muitas outras coisas: vacas, ovelhas, cabras, enfim, tudo o que êle quis.

Assim, quando Joãozinho chegou ao castelo do rei, pai de sua noiva, com tôda aquela riqueza e ainda por cima a pena do Grifo, o rei perguntou-lhe onde tinha conseguido tudo aquilo.

Joãozinho disse-lhe que o Grifo dava tudo o que se queria. Então o rei pensou que seria muito bom possuir tanta coisa e resolveu ir ter com o Grifo.

Pôs-se logo a caminho e, quando chegou ao rio, aconteceu que era justamente a primeira pessoa que aparecia depois de Joãozinho; o barqueiro transportou-o no barco mas, quando iam ao meio do rio, pegou o rei e largou-o dentro da água e foi-se embora, deixando que êle morresse afogado. Alguns dias depois, Joãozinho casou com a princesa e tornou-se o rei muito estimado daquele país.

